

Estudos da época do bronze em Portugal

(Vid. *O Arch. Port.*, xxiv, 193-197)

XIII

Sepultura de Portimão

Em 24 de Janeiro de 1918 escreveu-me o S.^{or} Prof. Aboim Inglês uma carta, na qual dizia que me enviava para o Museu Etnologico, como generosa oferta do Ex.^{mo} S.^{or} D.^{or} Francisco Mendonça Côrte-Real, os seguintes objectos, achados em Portimão, dentro de uma sepultura: um vaso, pedaços de outro, e ossos.



Fig. 1

O vaso, que tem 0^m,105 de altura e 0^m,073 de abertura na bôca, vai representado na fig. 1: é de barro, feito sem roda, de bojo reboludo



Fig. 2

e colo adelgaçado: na ligação do bojo com o colo ha dois mamilos, afastados um do outro 0^m,085. Excepto em quatro sitios, em que foi ferido por pancadas, está coberto de verniz (preto), a que os nossos ceramicos chamam *capote*: as feridas mostram que o barro era abrançaçado, com laivos vermelhos. Este vaso, quanto á fôrma geral, é semelhante a dois, igualmente do Algarve, descobertos por Estácio da Veiga, ora no Museu Etnologico, mostrador n.º 58 do andar nobre (vasos restaurados); vid. outro exemplar nas *Antiquidades Monumentais*, do mesmo E. da Veiga, vol. III, est. XVI, n.º 5.

Os pedaços de vaso de que fala a carta do S.^{or} Aboim Inglês são quatro, pertencentes a um mesmo vaso: dois ligam-se entre si e com o fundo, só o quarto fica avulso por faltarem os restantes fragmentos, mas fazia parte da parede ou colo. A fôrma do vaso consta da fig. 2: especie de taça baixa, de barro preto, de colo concavo, e de fundo convexo, de 0^m,03 de altura. O diametro da bôca mede 0^m,066. Este vaso é analogo, na fôrma, a outros do Algarve, que estão no Museu Etnologico, mostrador n.º 58 do andar nobre, provenientes da colecção de Estácio: só estes são maiores. Vid. tambem os de que falei n-*O Arch. Port.*, XI, 180 sgs., publicado na estampa I, e o que publiquei *ibidem*, XIII, 311.

As comparações que acima instituí mostram que os vasos de Portimão pertencem pois á época do bronze, mais particularmente ao periodo primeiro, ou do cobre.

Os ossos (humanos) consistem em fragmentos de calote craniana (num vê-se ainda parte da orbita esquerda) e em pedaços de uma mandibula, tambem do lado esquerdo, ainda com um molar, o segundo, e quatro alvéolos vazios.

XIV

Objectos de ao pé de Ervidel

Ao mesmo S.^{or} Prof. Aboim Inglêss, a quem me referi no capítulo antecedente, deve o Museu Etnologico a posse de mais três objectos de cobre ou bronze (provavelmente de cobre), que vão desenhados nas fig. 3 a 5.

A respeito da sua procedencia diz-me ele em carta de 28 de Novembro de 1925, em resposta a uma pergunta que lhe fiz: «Os objectos que enviei



Fig. 3

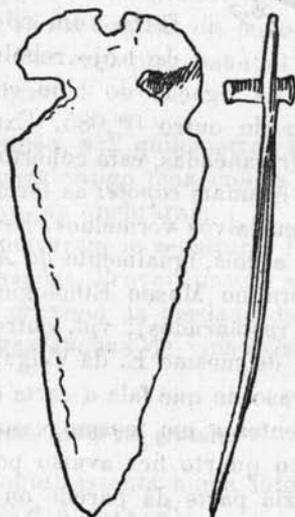


Fig. 4

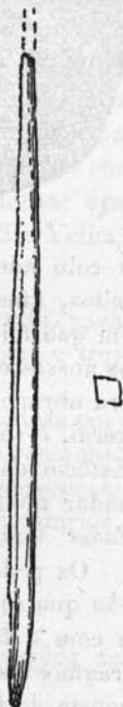


Fig. 5

a V. apareceram envoltos na terra, sem se notar qualquer sepultura. Por acaso eu estava, quando passou um arado, e ficou o instrumento maior á vista; pesquisei nas proximidades, encontrando os outros dois objectos, mesmo ao lado do primeiro. E nada mais encontrei».

Os dois objectos representados respectivamente na fig. 3 ($1\frac{1}{2}$ do tamanho natural) e na fig. 4 (tamanho natural) são laminas ou folhas de punhais. Á lamina maior falta a extremidade oposta ao cabo; a outra tem dois orificios em que deviam entrar brôchas ou preguinhos que a fixassem ao cabo. A lamina menor, que está completa, tem tambem dois orificios, um d'elles ainda com a brôcha, o outro porém muito escachado. Ambas as laminas são comparaveis ás que Estacio da Veiga figura nas *Antiguidades do Algarve*, IV, est. XI, n.º 4-A, est. XIII, n.º 14, e 5 e 6, e est. XII, n.ºs 1 e 2, todas as quais são de cobre, e foram pela mór parte achadas em sepulturas. Com a lamina menor cfr. tambem uma encontrada na gruta de Aigues Vives (Catalunha), em Pericot, *La civilización megalítica Catalana*, etc., Barcelona 1925, est. XII, n.º 1. Instrumentos semelhantes a este se encontram representados na importante obra de Nils Åberg, *La civilisation énéolithique dans la Péninsule Ibérique*, 1911, pp. 109, 110, 155, 184, etc.

O objecto representado na fig. 5 (tamanho natural) é de secção quadrangular, e aguçado numa das extremidades; a outra, que devia ser igualmente aguçada, está quebrada. Podemos chamar-lhe «sovela»: cfr. Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, II, 342. Estacio da Veiga reproduz no citado volume, est. XIII, n.º 7, um semelhante objecto de cobre, a que chama «ponteiro», e Santos Rocha, *Idade do cobre*, p. 75, fig. 91, outro, a que chama «sovela ou punção». Tanto este objecto como o de Estacio appareceram em sepulturas.— Dizer Déchelette, *ibidem*, que as sovelas ou *alènes* de que fala «serviam sem dúvida para tatuagem» não me parece inteiramente seguro, pois tais instrumentos podiam ter várias serventias.

Apesar de não ter podido obter análise dos instrumentos aqui figurados, creio que todos eles hão-de attribuir-se ao período que os arqueologos chamam *eneolitico*, e que a mim parece com maior propriedade dever preferentemente chamar-se *calcolítico*.

As gravuras assentam em desenhos de Francisco Valença, Desenhador do Museu.

J. L. DE V.

Desde el paleolítico existe un núcleo étnico que forma la base principal de la población de la Península y que después se diferencia en distintos pueblos.

BOSCH GIMPERA, *Ensayo de una reconstrucción de la Etnología prehistórica de la Península ibérica*, Santander 1922, p. 113.